



O USO DOS CONCEITOS “SEITA” E “SECTÁRIO” NO *DICIONÁRIO AURÉLIO*: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE SUA TENDÊNCIA CONFSSIONAL

Helmut Renders

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor titular da Faculdade de Teologia da mesma instituição.

E-mail: helmut.renders@metodista.br

RESUMO

Neste artigo, investiga-se a perspectiva confessional, no sentido cristão, do *Dicionário Aurélio*, publicado pela primeira vez em 1975 (FERREIRA, 1975) e, a partir de 1999, como *Novo Aurélio* (FERREIRA, 1999). Para isso, analisam-se verbetes sobre as principais confissões cristãs e sobre temas que elas têm em comum. Conclui-se que o dicionário não somente favorece perspectivas essencialmente católicas, mas também comuns antes do Vaticano II, tanto pela descrição e consequente classificação de quase todas as confissões cristãs não católicas, como “seitas” ou “sectárias”, quanto por seu silêncio em relação ao significado protestante de palavras acompanhando a compreensão católica. Sugere-se uma revisão, talvez sob consulta ou envolvimento de órgãos ecumênicos, com a inclusão de representantes pentecostais, para que o dicionário possa representar melhor a riqueza de significados da língua falada e escrita no Brasil e possibilitar maior identificação de uma parcela significativa da população brasileira com um dos registros mais importantes de sua língua.

PALAVRAS-CHAVE

Dicionário Aurélio; Tendência confessional; Seita; Max Weber; Matriz religiosa.

1. INTRODUÇÃO

Dicionários são testemunhos de uma língua e de seu desenvolvimento. Para isso, eles registram tanto a mudança,

ou a diversificação do significado e da ortografia de palavras, como o surgimento de novas palavras e formas de escrever¹. Com tudo isso, um dicionário torna-se ao mesmo tempo testemunho e formador cultural. No acompanhamento e registro de contínuas ressignificações, especialmente nos campos dinâmicos da cultura, como no caso do Brasil, o campo religioso representa um grande desafio.

Por causa disso, é importante que todos os componentes da sociedade contribuam para esse empreendimento². Com esse objetivo, estudamos uma pequena parcela dos verbetes referentes ao campo religioso, os verbetes alusivos às distintas igrejas cristãs e aos temas que elas têm em comum, sem aplicar àqueles, necessariamente, o mesmo sentido, e investigamos até que ponto o *Dicionário Aurélio* reflete a diversidade religiosa cristã encontrada no Brasil no início do século XXI.

2. DESCRIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES DE DIFERENTES CONFISSÕES OU DENOMINAÇÕES

A partir deste ponto, organizamos a apresentação deste trabalho da seguinte forma: na primeira parte, começamos pelo verbete “cristianismo”, seguido de verbetes confessionais, em ordem cronológica de seu aparecimento na história. Sempre quando possível, documentamos o nome da vertente e o nome de seu membro (por exemplo, “catolicismo”, “católico”), lado a lado.

2.1. CRISTIANISMO

O texto do verbete (FERREIRA, 1999, p. 578) é, em grande parte, descritivo e, em termos gerais, abrangente. O

-
- ¹ Alguns dicionários incluem também informações sintático-semânticas, ou seja, dão exemplos de como empregar as palavras corretamente em um texto.
- ² Confira, como outro exemplo, Machado (2008, p. 199), que considera “o dicionário como um observatório histórico e social que permite observarmos os sentidos da palavra [...] na língua normatizada, e, em contrapartida, os sentidos que estão silenciados nele, mas que circulam na sociedade”.

catolicismo, o protestantismo e as igrejas ortodoxas e do Egito são as quatro vertentes hoje existentes derivadas do cristianismo antigo³. Registramos, porém, nesse verbete, a ausência do pentecostalismo, considerado hoje uma quinta vertente⁴. Já a expressão “religiões cristãs” é uma terminologia comum da teologia católica. Na linguagem protestante, referia-se a confissões, e, na pesquisa anglo-saxônica, a denominações cristãs. Nessa perspectiva, protestantes e católicos pertencem à mesma religião. No verbete “cristão”, encontramos pela primeira vez o conceito estudado: “4. Aquele que professa o cristianismo, que é sectário dele”. Os itens de um a três trazem as palavras “pertencer”, “professar” e “sofrer influência”, e o item quatro constrói um paralelismo entre “professa[r]” e “ser sectário dele”. A expressão “sectário do cristianismo” é original. Mesmo a escola da história de religião não aplicou dessa forma a expressão. É até comum descrever o movimento de Jesus de Nazaré e parte do cristianismo primitivo como seita judaica, mas é incomum referir-se ao cristianismo como “seita”, vislumbrando a totalidade das religiões.

2.2. CATOLICISMO

O catolicismo (FERREIRA, 1999, p. 426) é apresentado por uma detalhada descrição doutrinária. Trata-se também do único verbete que descreve uma confissão cristã como “religião”⁵. Com isso, coloca o catolicismo ao lado das religiões mundiais (cf. mais adiante o verbete “fé”). O ponto dois – “2. Atributo que indica a universalidade de uma religião, reivindicado para si pela Igreja Católica” – resume de forma descritiva que o catolicismo reivindicaria para si a representação universal do cristianismo. No verbete “católico”, paralelo ao verbete “cristão”, o membro católico é descrito pelos verbos “pertencer” – isso representa uma lógica institucional ou legal

³ O cristianismo celta e o judaico são duas vertentes importantes, as quais, institucionalmente, não se mantiveram.

⁴ Vemos mais adiante que essa ausência representa, provavelmente, uma perspectiva, ou seja, é indiretamente classificadora.

⁵ Linguagem em uso somente na teologia católica.

– e “professar” – que representa um envolvimento e uma aceitação pessoal da doutrina dessa igreja. Encontramos o exemplo “país católico”, que fortalece a ideia de uma compreensão universal territorial e que nos verbetes dos outros países nunca aparece. Falta a designação “sectário de...”. Assim, o catolicismo representa algo diferente das confissões em seguida descritas, com certa exceção do anglicanismo.

2.3. ORTODOXOS

No verbete “ortodoxo” (FERREIRA, 1999, p. 1452), há referências a “pertencente” e ao “cisma da Igreja Católica Apostólica Romana”. A instituição não é descrita por sua doutrina, mas pelo fato de ter se separado da Igreja Católica Apostólica Romana. Paralelamente, descreve-se o membro como “que é sectário da” e “que professa a ortodoxia”.

2.4. LUTERANISMO

O luteranismo (FERREIRA, 1999, p. 1236) é classificado como “seita religiosa”. O específico dessa confissão é descrito, primeiramente, como uma posição doutrinária, entretanto sem nenhum detalhamento. Um luterano “é sectário do luteranismo” (FERREIRA, 1999, p. 1236). Somente nesse verbete usam-se “seita” ou “sectário” em afirmação dupla.

2.5. CALVINISMO

O calvinismo (FERREIRA, 1999, p. 371) é apresentado como “sistema teológico”. Ele é descrito de forma menos apologética do que o luteranismo. Dominam as perspectivas histórica e doutrinária. Igrejas calvinistas são designadas como “professantes”. Tanto o luteranismo como o calvinismo são descritos como fundamentados em doutrinas religiosas e sistemas teológicos criados, expostos ou defendidos por dois homens

(Lutero e Calvino)⁶. Lida ao lado de uma das definições de seita (FERREIRA, 1999, p. 1822) – “4. Teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos” –, essa descrição pode ser interpretada como uma classificação indireta de seita. Já “calvinista” trata do “ser sectário” (FERREIRA, 1999, p. 372).

2.6. ANGLICANISMO

A descrição (FERREIRA, 1999, p. 138) da instituição é histórica e territorial, não doutrinária e não classificadora. Indiretamente, indica-se que o anglicanismo não se formou em resposta a uma disputa doutrinária causada por um teólogo ou mestre carismático, mas segundo a vontade de um monarca. Um “anglicano” (FERREIRA, 1999, p. 138) é descrito como “partidário” ou “seguidor”. A escolha da palavra combina mais com uma (de)cisão política do que religiosa. A segunda expressão sugere uma relação de um envolvimento ativo, com ênfase nos atos e nas atitudes práticas. O anglicanismo é a única confissão, ao lado do catolicismo, que não é descrita como seita ou sectário.

2.7. PRESBITERIANISMO

Já o presbiterianismo (FERREIRA, 1999, p. 1625) é novamente rotulado como “seita religiosa”, e de um presbiteriano diz-se que “não reconhece a autoridade episcopal nem aceita hierarquia superior”. Essa descrição é negativa: “não reconhece a autoridade episcopal”. Como os presbiterianos não têm bispos, isso pode referir-se somente ao episcopado anglicano ou católico. Marca-se uma diferença, catolicamente falando, altamente questionável.

⁶ Considerável seria mencionar também Úlrico Zwínglio (1484-1531), o contemporâneo direto de Martinho Lutero (1483-1546), inclusive por sua importância na teologia “calvinista” do Brasil.

2.8. BATISTA

Menciona-se (FERREIRA, 1999, p. 277) dos batistas seu aspecto doutrinal, o qual os distingue radicalmente das outras igrejas da época de seu surgimento: “seita dos batistas, na qual o batismo só é ministrado aos adultos”. Aparece, novamente, o conceito “seita”. Porém, não se trata de uma seita “religiosa”, como no caso dos luteranos e presbiterianos.

2.9. METODISMO

Inicialmente, o verbete (FERREIRA, 1999, p. 1322) trata de uma “seita anglicana muito rígida”. Parecido com o luteranismo e o calvinismo, o metodismo é descrito a partir de seu suposto fundador. Já no conceito católico, a igreja é fundada por Jesus Cristo. Mas, primeiro, encontra-se uma dupla classificação: “seita”, como primeira palavra, por sua vez, descrita como “muito rígida” e “rigorosa”. A descrição “dentro dos preceitos bíblicos” é, para a teologia católica, formulada no Concílio de Trento, sinal de entusiasmo. A expressão “seita anglicana” descreve o grupo como fenômeno predominantemente anglicano. Já o membro (FERREIRA, 1999, p. 1322) é descrito como “adepto”, ou seja, uma pessoa que optou por essa forma de cristianismo. Em relação à membresia, não se repete literalmente “sectário”, o que seria equivalente à “seita”.

2.10. PENTECOSTALISMO

O verbete (FERREIRA, 1999, p. 1532) leva somente a um outro, “pentecostismo” (FERREIRA, 1999, p. 1532), que aparece novamente no fim de sua definição. É descrito como “movimento religioso que, no início do século XX, partindo dos EUA, se desenvolveu fora do protestantismo tradicional; pentecostalismo”. A primeira referência é duplamente territorial: iniciou-se nos Estados Unidos, encontra-se em todo o mundo, o que incluiria também o Brasil. Apesar de a primeira igreja pentecostal do Brasil celebrar em 2011 seu centenário, ainda não há uma percepção institucional. O pentecostalismo é visto como “movimento”.

2.11. CONGREGACIONALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

Indicamos, finalizando nossa visão panorâmica, também duas ausências: o congregacionalismo e o neopentecostalismo ainda não foram registrados pelo dicionário.

Quadro 1 – Conceituação confessional

	Instituição	Membro	Palavras-chave	Tipo
Catolicismo	Catolicismo: “religião dos cristãos”	Católico: “Que <i>pertence</i> ao, ou professa o catolicismo”	Religião; doutrina explicitada; exemplo “ <i>pais católico</i> ”	Descrição
Anglicanismo	Anglicanismo: “a Igreja oficial da Inglaterra”	Anglicano: “partidário, ou <i>seguidor</i> ”	Igreja, partidário, seguidor; ênfase na práxis	Descrição
Confissões descritas como seitas e/ou seus membros como sectários				
Protestantismo	Luteranismo: “a <i>seita religiosa</i> desse reformador”	Luterano “ <i>sectário</i> do luteranismo”	Doutrina; seita religiosa, sectário	Classificação
	Calvinismo: “sistema teológico da Reforma Protestante”	Calvinista: “ <i>sectário</i> do calvinismo”	Doutrina; <i>sectário</i> , profissão, sistema teológico	Descrição e classificação
	Metodismo: “ <i>seita anglicana</i> muito rígida”	Metodista: “adepto do metodismo”	Seita, adepto	Classificação e descrição
	Presbiterianismo “a <i>seita religiosa</i> dos presbiterianos”	Presbiteriano: “protestante que não reconhece a autoridade episcopal”	Seita religiosa; não reconhece autoridade	Classificação
	Batista: “ <i>seita</i> dos batistas”	Batista: “indivíduo da <i>seita</i> dos batistas”	Seita;	Classificação
Ortodoxos		Ortodoxo: “ <i>sectário</i> da Igreja Ortodoxa”	Cisma; <i>sectário</i> , pertence; profissão;	Descrição e classificação
Pentecostalismo	Pentecostismo Movimento		Movimento	Descrição

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vistos em conjunto, os verbetes reproduzem uma visão católica tradicional: o anglicanismo é considerado a confissão mais próxima; o metodismo é visto relativamente de maneira positiva, provavelmente por causa de sua origem anglicana e de seu número menor de adeptos no Brasil; luteranos, presbiterianos e batistas – como também os ortodoxos – são considerados “seitas”; e o pentecostalismo aparece ainda somente às margens, como um movimento, e não como composto por igrejas institucionalizadas.

Quando os verbetes descrevem doutrinas, encontra-se o esquema seguinte. A mais abundante e mais positiva descrição é

reservada ao catolicismo. Somente três vezes descrevem-se doutrinas protestantes parcialmente, e, quando isso acontece, a descrição focaliza elementos certamente centrais a essas confissões ou denominações (metodismo = “rigorosamente dentro dos preceitos bíblicos”; presbiterianismo = “não reconhece autoridade episcopal”; batistas = “o batismo só é ministrado aos adultos”).

Porém, eles também não são marginais quanto à perspectiva católica. No catolicismo, tanto o magistério exercido pelos bispos e pelo papa como o batismo infantil são pedras fundamentais de sua doutrina e práxis, e qualquer ênfase na Bíblia como norma da fé independente do magistério (e da tradição) é considerada um erro protestante básico. Em uma perspectiva católica, a descrição justamente desses três acentos doutrinários serve como alerta quanto às suas convicções doutrinárias essenciais.

As palavras “cisma” (1 vez), “seita” (4 vezes) e “sectário” (3 vezes) referem-se a todas as cinco igrejas ou confissões protestantes mencionadas, inclusive a Igreja Ortodoxa. O valor classificador de palavras como “seita” e “sectário” na linguagem popular – uma seita é não só formalmente separada da confissão oficial, majoritária ou mais antiga, mas representa uma forma falsa, defeituosa ou até enganosa em comparação com a original – não pode ser a base dos verbetes confessionais porque seria claramente preconceituosa. Porém, segundo o verbete “seita” do mesmo dicionário, trata-se de uma das alternativas de interpretação: “1. Doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos. [...] 3. Comunidade fechada, de cunho radical. 4. Teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos”. A palavra “fechada” sempre se direciona contra alguém ou além de si mesmo. Em combinação com “radical”, o termo “fechada” pode ser subentendido como “hostil”. O termo “prosélitos” carrega o sentido de convidar membros ativos de uma igreja para transformá-los em adeptos de outra. Na discussão ecumênica, o conceito descreve um comportamento meramente negativo que fere o princípio da convivência fraternal.

3. “SEITA” E “SECTÁRIO” NA TIPOLOGIA NAS SOCIOLOGIAS DE RELIGIÃO DE WEBER E TROELTSCH

Consideramos agora o uso da palavra “seita” no dicionário, segundo a classificação técnica proposta pelos sociólogos da religião Max Weber (1864-1920) e Ernst Troeltsch (1865-1923), e perguntamos se há um ponto em comum com seu uso no *Aurélio*.

Quadro 2 – A tipologia proposta por Weber e Troeltsch

	Igreja	Seita	Misticismo ⁷
Aspecto institucional	Mediadora da salvação	Assembleia de convertidos e fiéis	
Carisma, sua vinculação e afirmação	Ofício ou magistério da instituição religiosa	Líder religioso	Indivíduo religioso
Membresia	Compulsória, em tudo inclusiva; apela a toda a população; por nascimento	Associação voluntária ou livre; restrita a pessoas “qualificadas”; por novo nascimento	Ausência de estruturas de culto, doutrina e organização
Relação com o mundo ao seu redor	Negociação com adaptação e transformação do mundo	Separação do mundo, sem pretensão de transformá-lo	Criação de um novo mundo plenamente paralelo
Ênfase teológica	Graça = ênfase nos sacramentos; batismo da criança	Lei = ênfase na conduta da vida; batismo de adulto	Ênfase na experiência divina no interior da pessoa
Reino de Deus ⁸	Assumir as responsabilidades conforme o Reino de Deus no mundo	Esperar a vinda do Reino de Deus sem envolvimento humano	
Imaginário social	Conservador e mantenedor	Defesa de um igualitarismo, até comunismo primitivo, como ideal	Ideias novas; fora do imaginário comum
Vinculação com classes sociais	Classe dominante	Classe operária e pessoas sem posse	Classe média em ascensão
Geral	Universal e absolutista	Intenso e radical	Interior

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seita⁹ é aqui definida, primeiramente, com um aspecto quantitativo – uma forma do cristianismo diferente da Igreja

⁷ Contribuição específica de Troeltsch (1919, p. 418-422, 848-940).

⁸ Somente Troeltsch (1919, p. 374, 376-377) fala do Reino de Deus.

⁹ Em 1906, Weber (1922) apresentou a distinção entre igreja e seita como tipos sociológicos, e Troeltsch (1919) a aprofundou em 1912, acrescentando o misticismo como terceiro aspecto. Esse passo o dicionário não acompanha, como mostra seu verbete “misticismo” (FERREIRA, 1999, p. 1340). Em outros momentos, porém, Troeltsch (1919) parece estar presente.

estadual ou majoritária, o que lembra o primeiro item do verbete “seita”: “diverge da opinião geral”. Nesse sentido, o exemplo dado no verbete católico – “país católico” – reflete, talvez, o entendimento do catolicismo brasileiro como religião majoritária. A descrição do metodismo como “seita anglicana” combina também com essa perspectiva, no sentido de designar um grupo que se distingue daquele ao qual, originalmente, pertencia. Da mesma forma e em sintonia com a classificação de Weber (1922, p. 211) e Troeltsch (1919, p. 792), batistas são considerados uma “seita”, bem como os puritanos (WEBER, 1922, p. 234-235), porém não os presbiterianos.

A ideia do adepto é também vinculada ao conceito “seita”, no sentido tipológico (WEBER, 1922, p. 211): trata-se de uma membresia voluntária, comprovada por sua qualificação ética, e não por nascimento dentro de uma igreja. Além disso, segundo Troeltsch (1919, p. 360), “a oposição entre a lei radical da Bíblia e uma conduta da vida correspondente dos cristãos radicais, e a relativista e abrangente ética eclesial e doutrina social levam à formação de seitas”.

Para Weber (1922, p. 148-155), o ideal da comunidade perfeita e pura foi mais defendido pelos batistas, enquanto a ênfase metodista no desenvolvimento religioso teria sempre um efeito de desradicalização (WEBER, 1922, p. 147). Troeltsch (1919, p. 367) critica, porém, a tendência das igrejas oficiais de designarem todos os grupos como seitas, por não terem os mesmos privilégios por parte de um Estado: “Tal compreensão confunde os fatos reais. Nas chamadas seitas, expressam-se, muitas vezes, partes essenciais do Evangelho [...]”.

Mas há também profundas divergências. Troeltsch e Weber jamais classificaram ortodoxos, luteranos e calvinistas¹⁰ unisonantemente como “seitas”. Isso porque, no contexto europeu, dependendo do território, calvinistas (Escócia), luteranos (diversos territórios alemães, Escandinávia, Dinamarca) e ortodoxos (Rússia, Bulgária, Grécia) constituíam igrejas estaduais, *ergo*, majoritárias. Assim, afirma Troeltsch (1919, p. 306) que “os grandes corpos das igrejas católica e protestantes têm o direito do predicação igreja”.

¹⁰ Embora Troeltsch (1919, p. 695, 792) cogite que o protoc Calvinismo é semelhante a um tipo da seita, ele geralmente propõe interpretá-lo a partir do tipo igreja.

O *Aurélio* aplica essa compreensão somente às igrejas católica e anglicana. Assim, prevalece uma reinterpretação em uma perspectiva confessional católica, que vai além das classificações propostas pela sociologia da religião em uso desde o fim do século XIX. Em termos da legislação brasileira, esse posicionamento contempla a situação em vigor durante o Segundo Império até meados do século XIX¹¹.

Cabe ainda uma alusão final à descrição do anglicanismo. Nesse caso, palavras como “seita” e “sectário” são ausentes; aspectos doutrinários – como marcas diferenciadoras e potencialmente conflitantes – não são mencionados. Em comparação com as outras confissões, essa apresentação é muito mais neutra, fato que coincide com o posicionamento oficial da Igreja Católica em relação ao anglicanismo como a confissão mais próxima a ela mesma.

4. A FALTA DO REGISTRO DA DIVERSIFICAÇÃO DO SIGNIFICADO DE PALAVRAS ALÉM DA PERSPECTIVA CATÓLICA

Para verificar nossa tese em relação à tendência confessional do dicionário, estudamos, em um segundo passo, palavras-chave em uso tanto no catolicismo como no protestantismo.

4.1. FÉ

O conceito da fé é central a todas as igrejas cristãs. O verbete (FERREIRA, 1999, p. 880) faz a clássica distinção entre a *fides qua* (a fé como ato), única forma de fé que de fato uma pessoa pode “perder”, e a *fides quae* (o conteúdo da fé, “Conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto”).

¹¹ E isso pesa ainda mais quando o verbete “cristão” traz o seguinte significado: “4. Aquele que professa o cristianismo, que é sectário dele”. Se essa regra fosse aplicada, consequentemente, um católico deveria ser descrito, sem problema nenhum, como “sectário ao catolicismo”.

Surpreendentemente, segue-se ao exemplo “fé muçulmana”, no sentido do conteúdo de um sistema religioso, não “fé cristã”, mas “fé católica”. Trata-se de um paralelismo, no mínimo, mal balanceado. A fé católica faz parte da fé cristã, mas não a representa em sua totalidade.

Na mesma direção, aponta a descrição da fé como a “primeira¹² virtude teologal”. As virtudes teologais, completadas pelas quatro virtudes cardeais¹³, são elementos clássicos da teologia escolástica, ou seja, católica¹⁴.

4.2. BISPO

O episcopado (FERREIRA, 1999, p. 302) é exclusivamente retratado como ministério dentro da hierarquia católica ou da “Igreja Católica Apostólica Romana”¹⁵. A existência de bispos anglicanos, luteranos, metodistas e neopentecostais é ignorada, bem como a distinção entre a única, a dupla e a tripla ordenação (“plenitude do sacramento da ordem” quer dizer: “da ordem” presbiterial, ou seja, a terceira ordenação ao bispo, que se segue à segunda ao presbítero e à primeira ao diácono).

4.3. EPISCOPIA

O ministério feminino pastoral no nível do episcopado (FERREIRA, 1999, p. 774), com “jurisdição [plena] episcopal”,

¹² Ao lado do amor e da esperança

¹³ Prudência, coragem ou força, justiça e temperança. Uma distinção originalmente aristotélica, posteriormente integrada à doutrina moral católica.

¹⁴ Estamos hoje na quarta fase da escolástica católica: primeira fase: do século XII ao XIV (Anselmo de Cantuária); segunda fase: época colonial (do século XVI ao XVIII); terceira fase: em torno do Vaticano I (século XIX); e quarta fase: década de 1950. Em Weber (1922) e Troeltsch (1919), “fé” é mais relacionada ao tipo “seita” do que ao tipo “igreja”.

¹⁵ É a segunda vez que esse nome aparece por completo. Conferir o verbete “ortodoxo”. Em nenhum outro verbete, nomes de instituições são reproduzidos. Também são ignorados, dessa forma, os Católicos Velhos, grupo católico que se separou da Igreja Católica Apostólica Romana depois do Vaticano I, por discordar com os dogmas estabelecidos por esse concílio.

é, desde as décadas de 1970 e 1980, tanto no Brasil como na América Latina, um fato nas igrejas metodista, luterana, anglicana e, mais recentemente, nas igrejas neopentecostais. A informação de que mulheres exerciam, nos “primeiros tempos do cristianismo”, “certas funções sacerdotais” representa um reconhecimento parcial até incomum. Porém, pela palavra “certas” desconsidera-se que no passado tivesse havido uma situação que hoje fosse negada às mulheres na Igreja Católica. Da mesma forma, o acréscimo “sem jurisdição episcopal” parece uma tentativa de harmonizar o passado com a práxis católica atual (e, comentário à parte, nega qualquer ideia de um desenvolvimento de tal jurisdição, aplicando a ela um caráter eterno-divino). Esse tipo de explicação vai muito além de um simples comentário. Em comparação aos outros verbetes, trata-se, além da perspectiva católica, também de uma apologia intracatólica em defesa da própria ortodoxia.

4.4. DIÁCONO

A importância do diaconato nas igrejas luteranas e presbiterianas e suas formas distintas do catolicismo – não como parte da carreira sacerdotal, um passo antes do presbiterado, mas um ministério independente – são, de novo, plenamente omitidas. Também não se menciona que o anglicanismo preservou o entendimento e a práxis ministerial católica (FERREIRA, 1999, p. 671).

4.5. PASTOR

A descrição do pastor protestante (FERREIRA, 1999, p. 1505) como “sacerdote protestante”, pensado em perspectiva eclesial ou teológica, não corresponde nem à posição católica, nem à protestante. A primeira não entende o ministério pastoral protestante como “sacerdotal” por falta da sucessão apostólica, e, entre os protestantes, domina a compreensão

do ministério pastoral como um ministério leigo específico. Porém, deixando essa assideração à parte, a partida de “sacerdotal” é típica ao olhar católico (e anglicano).

4.6. PASTORA

O ministério pastoral feminino é registrado sem nenhum comentário classificador (FERREIRA, 1999, p. 1505). Trata-se do único exemplo de uma mera descrição gramatical. A aplicação da tendência da língua portuguesa em usar o diminutivo – “2. Pastorinha” – para construir uma proximidade é somente aqui documentada.

4.7. CATEDRAL

A catedral (FERREIRA, 1999, p. 424) é descrita corretamente como “A igreja principal de um bispado ou arcebisado”. No sentido pleno, porém, a descrição refere-se, outra vez, somente aos católicos e anglicanos, únicas confissões com arcebispos¹⁶. Porém, no sentido mais restrito de “A igreja principal de um bispado”, podemos imaginar também uma inclusão principal da práxis do metodismo brasileiro de chamar algumas de suas igrejas de catedrais¹⁷. A aplicação apologética do uso “Catedral da Fé”, pela Igreja Universal do Reino de Deus, certamente não é contemplada¹⁸.

¹⁶ Talvez se possa considerar a primeira parte da frase – “A igreja principal de um bispado” – um exemplo para a inclusão da perspectiva protestante.

¹⁷ Admitimos que o uso de “catedral metodista” no Brasil seja muito recente e não plenamente advindo do sentido original da palavra: a Catedral Metodista de Piracicaba, em São Paulo, não é igreja de um bispo metodista. Entretanto, as catedrais metodistas de São Paulo e do Rio de Janeiro o são.

¹⁸ Não conhecemos uma explicação da própria Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) sobre essa designação. De fato, ela possui bispos. Partimos, em nossa análise, do pressuposto de que nem todas as igrejas da Iurd chamadas catedrais da fé sejam presididas por bispos e que o acréscimo “da fé” carrega o significado maior.

Quadro 3 – A falta de registro da diversificação de significados de palavras em diferentes confissões

Palavra	Reprodução da significação		
	Católico	Ecumênico	Protestante
Fé	“Fé católica”; “virtude teologal”	“Conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto”	“Conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto”
Bispo	“Rel. Padre que recebeu a plenitude do sacramento da ordem, na Igreja Católica Apostólica Romana”	Não	Não
Episcopisa	“Mulher que, nos primeiros tempos do cristianismo, exercia certas funções sacerdotais, sem jurisdição episcopal”	Não	Não
Pastor	“Sacerdote protestante”	Não	Não
Diácono	“Clérigo no segundo grau das ordens maiores, imediatamente inferior ao presbítero ou padre”	Não	Não
Pastora	Não	“Fem. De <i>pastor</i> ”	Não
Catedral	“Igreja episcopal de uma diocese; a igreja principal de um bispo ou arcebispado”	[“A igreja principal de um bispado”]	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

A visão panorâmica mostra que nenhum dos verbetes pesquisados contempla o significado protestante de palavras; apesar que, no caso de “catedral”, podemos imaginar que seja mencionado indiretamente. Somente no caso de uma palavra – “pastora”, um termo não utilizado na Igreja Católica –, o uso protestante é evidente. Entretanto, não há nenhuma referência direta à práxis protestante; a palavra é vista em uma perspectiva gramatical.

Esse resultado não é explicado pelo uso de uma linguagem específica. No caso do uso do conceito seita, a terminologia da sociologia da religião é a desenvolvida por Weber (1922) e Troeltsch (1919). O *Aurélio* aplica conceitos weberianos, porém em uma releitura autônoma católica que representa a posição defendida pelo magistério da Igreja antes do Vaticano II.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dicionário reflete, em geral, a língua em uso pela cultura dominante ou majoritária e, parcialmente, de suas

subculturas. Entretanto, mesmo que se considere o catolicismo como parte essencial da matriz religiosa no sentido de uma religião dominante, que, por sua vez, um dicionário brasileiro de língua portuguesa deveria devidamente documentar, o campo religioso brasileiro conta com mais de 150 anos de presença de igrejas protestantes e, em 2011, exatamente cem anos de igrejas pentecostais.

No *Aurélio*, todas essas igrejas são apresentadas de uma forma que coincide com uma perspectiva católica, porém não somente de forma descritiva, mas classificadora, por reproduzir uma específica posição oficial católica em uso até o Vaticano II.

Mesmo que não seja possível que um dicionário atenda a todas as expectativas, não se pode ignorar que tanto a reprodução unilateral de uma única perspectiva confessional cristã, no caso, a católica, como a omissão do registro do significado mais amplo de palavras descritas, no caso, a das perspectivas protestante e pentecostal, não representam de forma plena a língua contemporânea falada e os significados atribuídos a ela.

Uma revisão dos verbetes relacionados a igrejas cristãs, talvez em colaboração com órgãos ecumênicos compostos por católicos e protestantes, porém sob inclusão de pentecostais, seria altamente desejável. Dessa forma, o dicionário poderia representar ainda melhor a riqueza da língua portuguesa de fato falada e escrita no Brasil e aumentar a identificação de um número considerável de brasileiros e brasileiras com um registro tão importante e, por muitos, considerado “oficial” de sua língua. No ano do centenário da Igreja Assembleia de Deus (2011), a inclusão de representantes pentecostais nessa conversa e a aceitação desse diálogo por seus representantes significariam avanços importantes no campo religioso cristão brasileiro e na atualização de um de seus registros culturais mais importantes, um dicionário da língua portuguesa falada no Brasil.

THE USE OF THE TERMS “SECT” AND “SECTARIAN” IN THE *AURÉLIO* DICTIONARY: AN INVESTIGATION OF CONFESSIONAL TENDENCY

ABSTRACT

This paper investigates the confessional perspective (in the Christian sense) of the *Aurélio Dictionary*, first published in 1975 (FERREIRA, 1975), and since 1999 as *New Aurélio* (FERREIRA, 1999). For this, we analyze the entries on the main Christian denominations and on issues they have in common. We conclude that the dictionary not only favors essentially Catholic perspectives, but among those these common before the Vatican II, both by its description and subsequent classification of almost all non-Catholic denominations as sects or sectarian and by omitting, alongside the Catholic meaning, the Protestant understanding of terms. It is suggested a revision, perhaps in consultation or involvement of ecumenical organizations including representatives of Pentecostal Churches. By this the dictionary may represent even better the richness of the Brazilian language, written and spoken, and also enable greater identification of a significant portion of the population with one of the most important records of its language.

KEYWORDS

Aurélio Dictionary; Confessional trend; Sect; Max Weber; Brazilian religious matrix.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MACHADO, C. de P. A designação da palavra *preconceito* em dicionários atuais. *Síntesis*, Campinas, v. 13, p. 198-215, 2008. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/view/831/590>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

TROELTSCH, E. *Gesammelte Schriften*. Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen. Tübingen: Verlag von J. C. R. Mohr (Paul Siebeck), 1919. Campinas v. 1. [Nova impressão da edição de 1912.]

WEBER, M. Die Protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. In: _____. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1919. p. 207-236.